

# TRABALHO, HERANÇA E GÊNERO: HISTÓRIA FAMILIAR E JOGOS DE DIFERENÇA

*Igor José de R. Machado*

**RESUMO:** Este ensaio focaliza duas gerações da família Rennó. O seu intuito é entender as implicações de um projeto familiar formulado pela primeira geração sob o ângulo de três questões interrelacionadas e que foram constatadas durante a pesquisa de campo: divisão do trabalho, herança e gênero. Procurarei demonstrar como a adoção desse projeto familiar por um lado legitima processos informais de antecipação de herança e, por outro, conduz parte da segunda geração da família à cidade. A partir dessas questões analisarei como um processo de contínua inserção no sistema nacional e participação na vida urbana reorganizaram o universo simbólico familiar, tomando como exemplo a redefinição complexa do gênero masculino e feminino. Esse processo de re-significação verifica-se ao longo da história familiar, possibilitando um estudo histórico que se inicia com o nascimento do primeiro filho, em 1940 e segue até os dias de hoje.

**UNITERMOS:** Família rural, gênero, antecipação de herança, transformação social, história oral.

## UMA BREVE HISTÓRIA DOS RENNÓ

A família Rennó tem como patriarca o médico e major do exército prussiano chamado Johann Rennow, aqui chamado de João Rennó.

Chegou ao Brasil em 1817, vindo se instalar em Itajubá após uma passagem por Curitiba, onde se casou, em 1820, com Ana Joaquina Ferreira. Um de seus netos, Luís Carlos Rennó foi pai de quinze filhos, entre os quais Luís Francisco Rennó, pai, por sua vez, de oito filhos, dentre os quais Luís Carlos Rennó Neto (Luisinho).

Minha atenção volta-se inicialmente à vida de Luisinho [1914-1990], que foi agricultor como seu pai. Ao contrário de todos seus irmãos, foi o único a fundar o seu próprio núcleo familiar em outra localidade. Em certa medida, Luisinho procurou uma vida independente de seu pai e da própria família. Na década de trinta, quando contava por volta de seus vinte e quatro anos, Luisinho comprou terras no bairro rural de Teodoros (compra que foi possível graças a um consórcio familiar, através do qual o pai e seus irmãos ajudaram-no a adquirir os quatro alqueires de terra com que iniciou a vida)<sup>1</sup>, um lugar afastado, no município de Brasópolis, MG. Após ter-se mudado para o Teodoros, Luisinho casou-se (1939) com Teresa Mendonça, natural de São José do Alegre (MG) e filha de agricultores na zona rural dessa cidade. Nessa época, ele já havia terminado a construção de sua casa, onde viveu com sua esposa e crescente família até 1960, quando construiu casa maior e mais “vistosa”, em local próximo a essa primeira casa.

Sua vida foi marcada pelo trabalho na terra, reproduzindo a vida adotada pelo seu pai, onde a terra é vista como lugar privilegiado e necessário para a vida da família. O dinheiro deveria ser convertido em propriedades fundiárias, para que a família numerosa (necessária para conduzir essas propriedades) pudesse se reproduzir e permanecer na ter-

---

<sup>1</sup> Faltam-me dados para examinar com atenção essa questão, mas parece que Luisinho pagou todos esses empréstimos criteriosamente, não caracterizando um adiantamento de herança, já que mesmo a participação dos irmãos deixaria de configurá-la. Também faltam-me dados a respeito da situação financeira de Teresa quando casou, se recebeu algum dote ou parte em herança.

ra; toda a vida é marcada pelo contato com a terra. Essa é o que chamarei, por falta de melhor nome, de “estrutura rural”. Ao contrário, seus irmãos preocuparam-se principalmente com a educação escolar dos filhos (“a estrutura urbana”<sup>2</sup>) e não aumentaram excessivamente suas propriedades, apenas compraram algumas partes das irmãs, na época da herança.

Assim que pôde, Luisinho apoiou-se na mão-de-obra familiar para conduzir a produção da sua “roça”. Já em 1954 contava com a ajuda de seus quatro filhos mais velhos<sup>3</sup> e todos eles, inclusive o próprio Luisinho, trabalhavam intensamente na terra. Todo o dinheiro arrecadado nas lavouras (principalmente café, milho, arroz e feijão) era utilizado para pagar as dívidas feitas na compra de terras. Ao fim da vida, Luisinho acumulou cerca de 60 alqueires, que foram distribuídos entre seus filhos e sua esposa, Teresa. Na verdade, seu patrimônio foi muito maior, considerando que, a partir de certo momento, ele deixou de comprar terras em seu nome e passou a ajudar seus filhos a adquirirem suas próprias terras, num processo de adiantamento de herança que será detalhado mais à frente.

Por volta de 1960, o empreendimento familiar iniciado por Luisinho “mudou” de direção. Se para os sete primeiros filhos (cinco homens e duas mulheres) o modo de vida foi seguir os mesmos padrões que ele

---

<sup>2</sup> Desculpem-me pela simplicidade dos termos, mas assim torno mais claro meu argumento. Porém, devo deixar claro que não quero contribuir para um reforço da dicotomia rural/urbano que se criou nas ciências sociais: a divisão aqui é entre dois modos de vida, sem querer dizer que na cidade ele seja o mesmo para todos, muito menos no campo. Temos várias estruturas nesses vários contextos, mas para fins metodológicos adotarei essa nomenclatura.

<sup>3</sup> Aos quinze anos de casamento os quatro filhos mais velhos (nascidos entre 1941 e 46) já trabalhavam todos na lavoura, e aos vinte o quinto filho mais velho (1950) também já estava inserido no processo de trabalho.

viveu (o trabalho e a vida na terra), para seus cinco filhos mais novos seguiu-se uma nova “estratégia”: o caminho da cidade. O projeto familiar de Luisinho abarcou essas duas estruturas diferentes, e mais adiante buscarei entender com elas se relacionam através da narrativa de um dos filhos. Nessa época Luisinho comprou uma casa em Brasópolis para que seus filhos lá estudassem; sua esposa e a filha mais velha [Clarice] revezavam na tarefa de cuidar dos meninos e meninas<sup>4</sup>. Nesse período, os cinco filhos cresceram entre os estudos na cidade e a roça (aos fins de semana, numa rotina obrigatória), o que impediu-os de perderem contato com a forma de vida de seus irmãos mais velhos e de Luisinho. Na roça, eles trabalhavam e, na cidade, estudavam.

Entre 1970 e 1980, os filhos foram avançando nos estudos, direcionando-se para Itajubá, onde estavam as faculdades mais próximas. No início, os filhos foram ficando em casa de parentes, numa rede de apoio familiar. Ana, por exemplo, ficou um tempo (em 1974) com sua irmã Bernadete, que morava em Itajubá com seu marido; Neiva morou durante um período com Benedita, irmã de Luisinho. Essa situação durou um tempo relativamente curto, até que Luisinho comprasse uma casa em Itajubá para instalar seus filhos. Sua esposa Teresa, então, mudou-se para Itajubá para cuidar dos filhos. Ana e Lázara estudaram enfermagem; Lúcio, engenharia civil; Neiva, letras; todos em Itajubá, em faculdades particulares. Jair por sua vez, estudou engenharia elétrica em Sta. Rita do Sapucaí.

Durante o tempo em que essa parte da família estava na cidade, aqueles que ficaram na roça foram ajeitando-se com a ajuda de Luisinho. Até 1973, os sete primeiros filhos se casaram (Rennó, Clarice, Antônio, Bernadete, Antônio, José e Roberto). Apenas Carlinhos continuava mo-

---

<sup>4</sup> Eram eles, por ordem de nascimento: Ana, Lásara, Lúcio e Jair. A última filha, Neiva, não era nascida nesse momento.

rando com seu pai na roça, e embora tivesse tentado continuar estudando no Supletivo em Itajubá, logo desistiu. Em 1978, Carlinhos casou-se e passou a morar com sua mulher, Aparecida Fonseca, na casa da roça. A partir de então, Teresa ia cada vez menos à roça, devido a atritos com Aparecida (Teresa diz que não se sentia mais dona da sua casa e por isso preferia ficar em sua outra casa, na cidade) e Luisinho a visitava aos finais de semana em Itajubá. Durante a semana Luisinho permanecia na roça, junto de Carlinhos e sua esposa.

Por volta de 1989 Luisinho adoeceu. Contava cerca de 76 anos quando foi atacado por um câncer, vindo a falecer em 1990. Durante esses anos todos, Luisinho trabalhou na roça e organizou a vida dos filhos. Os cinco filhos homens mais velhos, casados, continuam hoje em dia na roça, vivendo a vida nos moldes da de Luisinho; todos casaram-se com mulheres da roça, com alguma propriedade a oferecer. Todas as filhas (as duas mais velhas que não seguiram os estudos, bem como as outras três que o fizeram) casaram-se com homens da cidade. Os dois homens mais jovens, que estudaram, não seguem a profissão aprendida na faculdade; oscilam entre a vida na cidade e a roça onde também têm terras. Os dois casaram-se com mulheres da cidade.

## **DIVISÃO DO TRABALHO E ANTECIPAÇÃO DE HERANÇA**

Nessa parte delimitarei a forma em que se organizava a divisão do trabalho na roça, entre homens mais velhos e mais jovens e entre homens e mulheres, para entender como ela estabeleceu critérios para a antecipação de herança entre os membros da segunda geração dessa família<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A análise dessa monografia é baseada nas seis histórias de vida realizadas e em várias entrevistas informais. As seis histórias de vida são as de Antônio, Roberto,

Na roça de Luisinho, o processo de trabalho assemelhava-se muito, num primeiro momento (antes da mudança de estratégias), aos processos já descritos por vários estudos. Brandão nos conta como os filhos com mais de seis anos são inseridos no ciclo de trabalho familiar, para economizar no custo com o trabalho assalariado e por esses efetuarem um tipo de trabalho que torna-se muito útil como limpeza, plantio, colheita, cuidado com filhos menores, etc. (BRANDÃO, 1993, p.123). Entre os Rennó, o processo era o mesmo: pequenos, os filhos já começavam a trabalhar. Mesmo os filhos que estudavam na cidade (no segundo momento) participavam desse trabalho, já que eram obrigados a estarem lá em todos os finais de semana. Mesmo esses filhos que foram estudar participaram dessa primeira estratégia, contribuindo com seu trabalho durante um certo tempo. Desde criança, criava-se uma obrigação para o trabalho e uma divisão mais ou menos flexível entre as tarefas.

---

Bernadete, Carlinhos, Jair e Neiva, metade dos 12 filhos, portanto. Não sintam-se injustiçadas as mulheres, mas as dificuldades financeiras e os limites de tempo, levaram-me a entrevistar apenas os membros da família que moravam em Itajubá, onde fica a casa da família, ou na “roça”. Como as mulheres são as que “saem” do núcleo familiar, três delas moram fora da região. Clarice e Lásara moram em São José dos Campos (SP), e Ana em Ilha Solteira. Eu preferia ter entrevistado Clarice, como a “representante” das mulheres que não estudaram, mas como não tive a sorte de encontrá-la quando estava em Itajubá, entrevistei Bernadete. Com relação aos homens as coisas foram mais fáceis, pois estão todos (com exceção de Lúcio) morando na região. Entrevistei informalmente Teresa, no entanto ela preferiu não gravar a conversa, como boa mineira que é. Diante dessa reticência em mostrar-se, achei melhor preservá-la, privilegiando a segunda geração nessa análise. Essa situação refletiu-se no texto, pois a quantidade de informação acumulada à respeito dos homens foi muito maior (coincidentemente eles falam muito mais que as mulheres). Em vários momentos do texto limito-me a apontar algumas conclusões a respeito das mulheres, baseado nas duas histórias de vida, enquanto forneço várias informações e citações a respeito dos homens e suas relações no interior da família. Desculpo-me novamente, atentando o leitor para essa dificuldade.

Como conta Jair: *“ali tinha trabalho para todos (...) e todo mundo tinha que trabalhar e contribuir com algum serviço. Então é aguar uma horta, limpar um chiqueiro, tratar das galinhas, pegar um cavalo, cortar capim para vaca... coisa que a gente fazia muito, cortar capim, cana, carregar cana, apartar vaca, tudo isso, lidar com o café no terreiro... coisas que hoje a gente vê, eu tenho o meu sítio e a gente vê... tem criança de camarada de 7, 8 anos, o que contribui, o que eles fazem de serviço, que a gente vê o quanto a gente tinha valor na época em que a gente era criança para os meus pais e os meus irmãos. Era um pouquinho de serviço que fazia mas ajudava muito, então a cobrança deles em cima da gente era grande. Eles não podiam parar, não tinha nenhum folgadinho ali, ninguém ficava ali de braços cruzados não, todo mundo trabalhava... então eles não queriam que a gente ficasse brincando por que já estava folgado. Tinha que dar um jeito de trabalhar, tinha que fazer alguma coisa... quando pintava uma brechinha para fazer outra coisa eles chamavam 'Jair vai fazer isso, vai fazer aquilo'. Era um comando trás do outro em cima da gente, e se não fizesse, pronto...”*

Os serviços de homem eram o trabalho na lavoura, na colheita e tudo o mais que se relacionasse com o plantio; o serviço das mulheres era, de forma geral, tudo aquilo que se relacionasse com a casa, a costura, comida, limpeza da casa, lavagem das roupas; os trabalhos considerados “leves” ao redor da casa (que não envolviam *muito* esforço físico) também eram executados por elas, como os trabalhos na horta, a moagem de farinha no monjolo, o cuidado com os animais domésticos, etc. Esse tipo de trabalho podia ser realizado também pelos homens, principalmente os que ainda não tinham idade para ir à lavoura.

Como no caso estudado por Brandão, “no interior e dentro dos limites da casa e do quintal a mulher vive a porção mais intensa e determinante de suas relações de serviço”. Mas “os limites situacionais (...) vão até a *lavoura* e normalmente terminam na vizinhança” (p.145). Porém, esse contato com a vizinhança é limitado e o contato com o mundo externo é mediatizado pelo marido. Aqui vale ressaltar que a situação das

mulheres na família era um pouco diferente, pois o contato com o “mundo” acontecia com frequência, e sem a necessária presença do marido. A cidade é muito próxima ao bairro de Teodoros e era costume ir às missas aos finais de semana. Além do mais, após Luisinho ter comprado a casa na cidade, o contato passou a ser maior, pois a cidade passou a fazer parte da cotidiano da família. No caso dos homens, a situação é igual à relatada por Brandão: *“As relações do marido distribuem-se produtivamente entre o quintal e o povoado. Mesmo que ele e seus filhos maiores passem boa parte do dia em casa, é na lavoura e no “comércio” que eles estão dentro de suas áreas de ações de serviço mais diretas.”* (p.145).

No caso da família Rennó a divisão de trabalho não era de modo algum rígida, podia haver superposição de tarefas entre os sexos. Por exemplo, o trabalho feminino na lavoura não era recriminado, era até recomendável em certas situações, como na “panha” do café. A divisão de trabalho rígida entre homens e mulheres (roçado\casa), recorrente na bibliografia, é considerada como ideal por alguns autores, pois nem sempre a prática demonstra essa situação. Garcia e Heredia (1968, p.17), mencionam “que há um `modelo ideal” do que seriam atividades masculinas e atividades femininas dentro do roçado. A mulher também trabalha no roçado, mas sempre que possível tem funções diferentes. Contudo, na prática, por necessidade, a mulher é levada a fazer várias atividades que são classificadas como de tipo masculino. Almeida, citando um caso amazônico, diz que esse mesmo tipo de contradição é resolvido “no plano do modelo cognitivo” (1986, p.77), onde esses serviços não são contados como trabalho, mas são “contabilizados automaticamente como atividade masculina”(íbidem).

Embora, na maior parte do tempo, a divisão de trabalho entre os Rennó correspondesse à mencionada pela literatura, isso ocorria devido à prática comum. Entretanto, devido ao caráter de empreendimento familiar, as exceções aos costumes eram aceitas normalmente, sem nenhum tipo de “choque cognitivo”. O trabalho da mulher não serve ape-

nas para "...complementar o trabalho do marido (...) Seu trabalho se insere igualmente em processos de ascensão social e acumulação." (WOORTMANN, 1984, p.73). Nesse sentido o grupo familiar é "uma organização estratégica, pois ele está orientado para "produzir" uma família nos moldes de um modelo ideal a ser atingido no futuro" (idem, p.73; grifo meu).

Pode-se pensar na família Rennó como um *workteam*, preocupado com sua ascensão social, onde cada membro tem um papel em potencial a desenvolver; por isso, a divisão do trabalho pode ser flexível (variando também conforme a idade da família). Portanto, a adoção de uma estratégia familiar que passou pelos estudos e pela cidade para os filhos mais novos fez parte dessa estratégia maior de ascensão social. A organização do trabalho adquiriu uma forma que, embora marcada por uma divisão convencional, visou o alargamento das fronteiras econômicas; e nesse contexto os papéis eram mais flexíveis.

Há que se examinar com calma a estrutura familiar dos Rennó e a hierarquia na divisão do trabalho masculino. Havia, aos vinte anos de casamento de Luisinho, cinco filhos homens trabalhando com seu pai na lavoura e cuidando do pequeno rebanho leiteiro, além de mais duas filhas trabalhando em casa. Com essa composição familiar, Luisinho tinha uma poderosa mão-de-obra ao seu dispor, pois os filhos trabalhavam de graça para o pai até "terem idade". Isso possibilitou que Luisinho aumentasse consideravelmente seu patrimônio, pois todo dinheiro arrecadado era investido em terras, fazendo-se dívidas que, no fim das contas, no dizer de um de seus filhos, "eram pagas pelo nosso trabalho". Por volta dos 19 anos de idade, os filhos passavam a produzir "de meia" com o pai até o casamento, ou até terem suas próprias terras. Nesse esquema toda a produção era dividida entre os irmãos e o pai e a metade que cabia aos filhos era dividida igualmente entre eles, por imposição de Luisinho, "que não queria que ninguém ficasse mais rico", segundo disse esse mesmo filho. Enquanto isso, os filhos que estavam na cidade iam cres-

cendo e avançando em seus estudos, voltando cada vez menos à roça. O casamento era o elemento crucial para a emancipação dos filhos que, pois como Fortes afirma, *“leva a uma cisão real ou incipiente de uma ou de ambas as famílias ou grupos domésticos originais dos cônjuges”* e essa cisão é *“sempre traduzida em termos de representação espacial, através dos arranjos residenciais”* (FORTES, s.d., p.3).

Isto condiz com a realidade dessa família, pois todos os filhos da roça construíram suas próprias casas. Alguns, por razões práticas, em terras de seu pai, pois já tinham suas terras; outros construíram em suas próprias terras. Esse esquema de consolidação de novos núcleos somados às novas propriedades parece ser uma exceção à literatura, pois na maioria dos casos, *“em função das regras que visam a beneficiar com o acesso a terra filhos homens de um indivíduo, sempre que atinjam a maturidade(...) e a nubilidadade, uma única propriedade privada jurídica pode vir a abrigar duas unidades econômicas no seu interior, ou seja, a “casa e a roça” paternal e a “casa e a roça” da família nuclear em formação do filho recém-casado.”* (MOURA,1978, p.17).

Também no caso narrado por Brandão (1993) a situação é parecida.

A exploração do trabalho dos filhos foi muito maior do que no caso estudado por Brandão (1993), pois até antes de casar, metade do trabalho desses filhos, ainda ficava com Luisinho. Esse filho conta que *“na casa do papai, um filho ajudando ele vale muito, já pensou ter que ficar pagando para tirar leite todo dia? Eram os filhos que tiravam leite, era um monte de trabalho braçal que ele tinha a disposição sem gastar nada, só dava comida... só depois dos vinte anos que ele começou a separar as coisas, eu acho até que os primeiros filhos sofreram mais, o Rennó e o Antônio, por que eles trabalharam até mais tarde sem ganhar nada.. decerto o papai dava uns trocadinhos prá eles lá, eles criavam lá uns franguinhos, alguma coisinha lá que animava eles... mas ele tinha uma mão-de-obra praticamente de graça”*

Considerando-se que esses filhos casaram por volta dos 25 anos de idade, pode-se ter a idéia dessa exploração. Mas a retribuição de Lui-

sinho veio na maneira de uma antecipação da herança, pois quando um filho casava, ou estava prestes a casar, recebia uma significativa ajuda de seu pai, na forma de um generoso financiamento ou até em lotes novos de terra. Como disse um de seus filhos, *“Isso começou quando o primeiro filho casou, eu acho, ele casou e tinha que ter a partezinha dele, foi uma época em que o papai começou a pensar neles... Aí o pai parou de comprar terra no nome dele, e qualquer pedacinho que ele comprava ele dava um jeito de encaixar para os filhos. O filho entrava com o dinheirinho dele e papai financiava um pouco e ajudava esse aqui, depois ajudava aquele outro e eles foram crescendo graças ao papai, porque ele ajudava a financiar a compra, dava o dinheiro para inteirar(...)”*.

Assim, Luisinho passou a comprar terras no nome de cada filho que continuou na roça. Esse é um processo próximo ao descrito por Feldman-Bianco: *“Pedro, como os outros sitiantes locais, distribuiu, ainda em vida, parcelas de terra para o cultivo aos seus descendentes masculinos. Essa partilha antecipada era feita na ocasião do casamento dos filhos para que “começassem a vida”* (1993, p.172). Houve a possibilidade de comprar e ajudar os filhos a comprarem novas terras devido às potencialidades que a estrutura familiar oferecia e à sua condição de *workteam*. Esse processo é muito diferente daquele descrito por Brandão (1993), pois nas famílias por ele estudadas a tendência era a de fracionamento das terras na herança (MOURA, 1978, cap.3), diminuindo o território dos membros a cada geração.

Essa estratégia familiar que manteve os filhos na roça definiu um tipo de herança antecipada, para os que ficaram na roça, que foi baseada no direito costumeiro, e são essas “práticas de herança que (se) acionam para dar continuidade ao uso social da terra (...) e a própria organização de vida” (MOURA, 1986, p.25). Esse processo serviu também para manter as terras juntas e estender esse modo de vida no tempo. Como praxe, os filhos que receberam este tipo de herança, justificaram-na pelo fato de terem passado por esse processo árduo de trabalho para à família. O trabalho na terra e, portanto, a própria terra, têm um lugar significativo no universo simbólico familiar. Foi essa vivência de trabalho que

conferiu legitimidade a esse processo de antecipação de herança. Numa fase, o não envolvimento com esse trabalho mais árduo na roça, eliminou os dois homens mais novos, que estudaram na cidade, do processo de antecipação de herança. Para os filhos que estudaram (dois homens e três mulheres), Luisinho considerava que o próprio investimento em seus estudos era uma forma de antecipação de herança e, portanto, o seu dever como pai já estava cumprido. Para os que “estavam estudando, a contribuição dele era pagar os estudos”, confirma um de seus filhos. Mas veremos que as duas formas de antecipação de herança não tem, de fato, o mesmo estatuto lógico. A antecipação de herança para esses homens mais velhos era concedida principalmente em momentos determinados (geralmente durante o casamento), e era dada em “espécie”, em oposição ao processo “contínuo” e imaterial de herança oferecido aos filhos mais jovens.

Em São João da Cristina, bairro estudado por Moura também “o ponto fundamental desta análise para a compreensão das regras de herança da terra (...) é justamente a diferenciação das esferas de trabalho quanto ao sexo e suas implicações” (1978, p.28); e as mulheres mais velhas foram excluídas desse processo pois “se a mulher não é responsável por nada que se ligue de modo direto à existência física da terra, como atribui-lhe a posse ou a propriedade desta mesma terra?” (p.29).

Contrariamente à constatação feita por Moura, a antecipação da herança entre os Rennó não foi definida em oposição ao trabalho na terra, pois a exclusão da mulher se daria por que ela é “a que sai” do núcleo doméstico, deixando de ser responsabilidade do pai e passando a ser do marido. Estamos tratando com um grupo cognático uxurilocal, onde a unidade de troca é espacialmente limitada e pouco vale a descendência se ela é dispersa, seguindo aqui o argumento de Leach (1974). O grupo determinante é o grupo de descendência local, e a descendência é sobre-determinada pela localidade. É um grupo onde ficam os homens no local da família (a roça) e saem as mulheres para casar: nessa primeira estraté-

gia temos uma inflexão patrilinear no padrão de nomeação (só os homens passam o nome para os filhos), no padrão de antecipação de herança (só os homens são sujeitos desse processo) e são eles quem permanecem no local do grupo e trazem suas esposas (não se pode falar em patrilinearidade peremptoriamente, pois a transmissão de consangüíneos é cognática; ou seja, os afins matri e patrilineares tornam-se consangüíneos para quem nasce). Como a relação com o espaço é fundamental, pode-se perceber essa primeira estratégia como patrilinear e patrilocal. No entanto, a nova estratégia modifica o padrão de residência dos novos filhos homens, que foram estudar na cidade; modifica também o padrão de antecipação de herança, já que homens e mulheres são sujeitos desse processo; apenas o padrão de transmissão de nomes permanece. Para as novas mulheres a mudança é que agora recebem a herança, ao lado de continuarem saindo do local da família. Temos assim uma grande modificação nos padrões de organização dessas famílias, o que marcou e foi marcado por uma re-simbolização de aspectos fundamentais do imaginário familiar; o que será visto mais adiante.

## MULHERES, HOMENS E IMAGINÁRIO NA ANTECIPAÇÃO DE HERANÇA

É certo que Luisinho tinha uma clara noção de compensação ao esforço dos filhos na estratégia familiar, porém essa percepção desvaloriza o trabalho feminino em detrimento do trabalho na terra. Essa situação gerou descontentamentos por parte das duas mulheres que não estudaram e, como diz uma das filhas; *“quem tem esse sentimento mais de se achar prejudicado é a Clarice, ela sempre reclama de não ter estudado, ela tem uma mágoa, de não terem dado oportunidade... A Bernadete também”*. O trabalho que a mulher realizou, na roça e na casa, não foi considerado como passível de

uma pré-herança; e, além disso, na medida em que a mulher era a que “saía” do núcleo, através do casamento, ela perdia o direito a essas antecipações. Isso é válido para aquelas que viveram a estratégia da vida na roça, pois para as que foram para à cidade estudar a situação foi outra, porque o estudo é, por si só, uma forma de antecipação de herança (mas sem o mesmo valor que a antecipação de terras).

O que acontecia quando a partilha oficial se iniciava em São João da Cristina, por outro lado, com a morte de um dos cônjuges, era um processo que Moura definiu como “transações de cunhados” (1978, p.42), pois o marido da mulher assumia a responsabilidade pela terra e sua possível transação com o irmão da esposa, seu cunhado. Isso acontece porque ele provavelmente procurará comprar um lote que faça divisa com o seu, que muito provavelmente será aquele herdado por sua irmã, o qual o marido dessa quererá vender pelo mesmo motivo (1978, cap.3). O caráter da relação entre irmão e irmã é mediado pelo marido da irmã, instaurando um sistema de reciprocidade tenso, pois a recusa de um desses cunhados em vender o lote da esposa será motivo de contendas; o papel da mulher é apenas concordar com as decisões do marido.

As relações são diferentes na família Rennó, pois com a ida de todas as mulheres para à cidade (tanto as que estudaram quanto as que não o fizeram), e a conquista de um status diferente, o que se viu após a partilha oficial da terra é que as responsáveis pelo lote eram elas mesmas. O comércio e a transação, se acontecer, é da responsabilidade dessas mulheres, e isso é reconhecido por todos os homens. Essa diferença com relação às mulheres também se explica devido ao seu casamento com homens da cidade, o que rompe com o possível sistema de reciprocidade entre cunhados, pois o marido da irmã agora não tem interesse em comprar terras, como no caso descrito por Moura. Ele, sendo da cidade, não tem terras para juntar (dando seqüência ao esquema de venda ao cunhado para comprar do marido da sua irmã) e a possibilidade da terra ficar em definitivo com a filha está aberta. Na hora da divisão formal, portanto, as

mulheres ganharam o status que não tinham no caso estudado por Moura, pois o controle da terra herdada não passa a seus maridos.

A contradição é que embora na atividade de trabalho a família estivesse numa situação de certa flexibilidade entre os gêneros, que era considerada como justa no “plano das representações” (expressão utilizada por WOORTMANN, 1985), na hora da antecipação da herança o trabalho masculino é que teve valor e “poderíamos pensar em uma (...) hierarquia dentro da família, centrada no pai em sua relação com o trabalho”(idem, p.39).

Por outro lado, as outras três mulheres receberam a chance de estudar, a mesma que seus irmãos da cidade. E aqui começamos a tratar de uma reorganização do universo simbólico, pois a nova estratégia, conduzindo a família à cidade, catalisou um processo de inserção no sistema nacional, que agora deixava de ser coisa de homens (na comercialização da produção) e de lazer familiar (aos finais de semana): com a compra de casas na cidade, essa começou a fazer parte do cotidiano familiar. Definitivamente influenciadora do imaginário, os papéis já definidos passaram por uma redefinição significativa.

As mulheres mais jovens *conquistaram outro status* com a adoção dessa nova estratégia familiar. Agora eram Indivíduos em quem se investia de alguma forma (afinal, passaram a ser sujeitos de uma antecipação de herança), conquistando uma autonomia muito maior que suas irmãs que não estudaram. Isso demonstra como a mudança de estratégias *favoreceu as mulheres mais jovens*, em detrimento das irmãs mais velhas e resultou numa *redefinição do papel feminino*. De forma geral, as mulheres (tanto as que estudaram como as que não o fizeram) beneficiaram-se da emigração para a cidade e da adoção de novos valores, que representavam uma significativa melhoria em suas vidas. Essas mulheres têm uma mobilidade social muito maior, um círculo ampliado de relações sociais; têm participação ativa na organização e produção da renda familiar e participam de grupos variados de afinidades.

Temos, assim, dois padrões de antecipação de herança: um marcado pela organização “tradicional” da família no campo, que antecipou terras para os homens e desconsiderava as mulheres (que não podiam ser sujeito desse processo). Esse padrão tem estrita relação com um caráter uxurilocal, onde a localização tem tanta importância quanto a consanguinidade; as mulheres, saindo do local da família, nada podiam reivindicar, enquanto os homens, trazendo suas esposas, eram beneficiados. Esse padrão marcou e foi marcado fortemente pelo valor da terra no imaginário dessa família (como também é uma característica comum a todas as populações rurais estudadas pela literatura). Nessa estratégia, o homem tinha seu papel definido e também as mulheres, como vimos no início do ensaio.

Um outro padrão de antecipação de herança era a oportunidade de estudos. Esse padrão foi determinado<sup>6</sup> pela “vida urbana”, uma vez que

---

<sup>6</sup> Na família Rennó, é interessante discutir a adoção de estratégias diferentes segundo algumas perspectivas, verificando se é fruto de pressões econômicas. Nesse ponto, o papel da idade familiar é interessante e pode esclarecer algo, embora não me interesse “economicizar” a análise. Quando os filhos mais novos começaram a estudar (processo que começou com a filha Ana), os cinco filhos mais velhos ainda estavam na roça, em idade “produtiva”, ajudando Luisinho na condução dos trabalhos. Nessa fase os cinco filhos jovens que estavam na cidade (dois deles homens), não faziam tanta falta na roça, apesar da presença desses ser quase forçada aos finais de semana, pelos pequenos trabalhos que tinham para realizar. E para sustentá-los na cidade o custo era quase o mesmo que na roça, acrescentando-se o custo da casa comprada para tais fins, já que os estudos eram gratuitos. No entanto, quando os mais novos começam a chegar na faculdade todos os 5 filhos homens que ficaram na roça, com exceção do mais novo deles, Carlos, já estavam casados. Embora tivessem negócios regulares com seu pai (plantações no regime de meia), tinham suas próprias famílias para cuidar. Portanto, com ajuda de apenas um filho trabalhando diretamente com ele, e que já estava para se casar, Luisinho sustentou cinco filhos em faculdades, chegando a ter quatro deles cursando ao mesmo tempo. Nessa fase, a idade da família era ainda jovem, e a relação trabalho/consumo era ainda mais favorável aos filhos mais jovens, se se continuasse com a estratégia adotada para os

para escolhê-lo era preciso estar suficientemente influenciado por ela; e a sua adoção conduziu a uma aceleração da integração definitiva a esse sistema nacional. A implicação direta dessa estratégia é uma modificação no padrão uxurilocal familiar: além das mulheres os homens saem do lugar da família, criando uma situação complicada e confusa, que dará margens para uma redefinição dos papéis e status de homem e mulher. Além disso, a adoção dessa estratégia projetou o futuro de parte da família na cidade, ficando, assim, dividida. Há muito tempo se sabe que sistemas simbólicos não são epifenômeno da organização social (SAHLINS, 1986), e portanto essa mudança de estratégias foi também resultado de mudanças no imaginário familiar (que é um termo melhor

---

filhos mais velhos; pois, com esses últimos já casados e com suas famílias, além das duas filhas mais velhas que também já estavam casadas, o nível de consumo diminuiria sensivelmente. Dos cinco filhos “da cidade”, dois são homens e, portanto, representariam mais força de trabalho. As outras três filhas estavam já em idade, ou se aproximando da idade de casamento, prestes a “sair” do núcleo familiar. A situação pareceria estar indo para um ajuste, o único problema seria as terras conduzidas no regime de meia com os filhos mais velhos, que teriam de ser diminuídas em razão desses dois homens mais novos; mas os mais velhos já tinham todas suas próprias terras... Esse aparente ajuste econômico, numa primeira visão, dificultaria uma análise nos termos de Garcia & Heredia (1968), por exemplo, já que os motivos para essa mudança de estratégias parecem ser outros. Por exemplo, o argumento de Teresa, também essencialmente econômico, é que a terra nesse tempo já não rendia tanto e que ela não seria suficiente para sustentar mais dois filhos homens. Esse argumento foi utilizado também por Carlos. Outro argumento, que considera outras esferas e atenta, como diz Geertz (1989, p.27): “para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento - ou, mais precisamente, da ação social - que as formas culturais encontram articulação” é levantado por outro filho (Jair). Segundo Jair, ao lado de nosso Geertz, essa mudança de estratégias refere-se aos exemplos que Luisinho tinha em sua família de origem, onde alguns de seus irmãos educaram os filhos na cidade e esses alcançaram um status social que causava inveja. Uma atitude óbvia para entender essa mudança de estratégias seria aceitar todas explicações e entendê-las como uma conjuntura que propiciou a tomada dessa decisão.

que sistema simbólico, pois trato de apenas uma família); mas até que ponto essa reorganização simbólica se deu sem problemas? Vimos que se as mulheres conquistaram um espaço maior nesse imaginário familiar com a mudança de estratégias, vejamos agora como os homens que estudaram viveram essas mudanças.

A situação parece ter sido mais complexa para os dois homens que foram estudar na cidade: hoje em dia nenhum deles dedica-se à profissão aprendida na faculdade, estão ambos vivendo *entre* a roça e a cidade. Eles não encontram um lugar definitivo, e mesmo uma identificação com um desses tipos de vida parece ser oscilante. O conflito estaria entre dois modos de vida que contém em si a definição de papéis diferentes para o gênero masculino<sup>7</sup>. No caso da família Rennó, a relação do homem com a terra já foi bem demarcada e, como na situação narrada por Moura (1978), é também essa relação que legitimou a antecipação da herança. Isso eliminou, *a priori*, os homens da cidade dessa “pré-herança”, e esses assumiram o mesmo papel das mulheres da cidade, já que a herança antecipada aos filhos que estudaram foi o custeio desse estudo, a mesma que para as mulheres. Nessa mudança de estratégias, os filhos mais novos perderam o direito à antecipação da herança na forma de terras, em troca de uma carreira profissional. Na medida em que as irmãs que estudaram ganharam o mesmo status que eles, esses não são vistos pelos ir-

---

<sup>7</sup> Esse trabalho não está preocupado com uma discussão teórica sobre gênero, é um estudo de caso sobre uma família rural, na qual transformações nos papéis e relações de gênero são examinadas. Portanto, não considero gênero a partir de uma oposição simples e estática, mas sim como um conjunto de noções construídas socialmente (segundo Strathern, 1988) e em permanente modificação, com áreas liminares (como diria Douglas, 1966) onde ocorrem “deslocamentos e mediações”. Aliás, esse artigo trata justamente do desenvolvimento de uma dessas “áreas liminares”, e de suas conseqüências empíricas, seguindo análises e perspectivas teóricas de autores como Heiborn (1993) e (CHARTIER 1995).

mãos como homens da roça, por não terem trabalhado a terra, sendo identificados com a parte feminina da família, na cidade.

Procurarei ilustrar esse processo usando algumas palavras do filho já citado, Jair. Logo após sua formatura, em engenharia elétrica, ele conseguiu um emprego na universidade do Amazonas e foi para Manaus, mas “*desde o primeiro dia que a gente pisou em Manaus a gente já tava com o pensamento de vir embora, era prá ficar um tempo e voltar logo, talvez até antes de ir prá lá, mas no final conseguimos ficar mais tempo.*”. E a explicação dada para o retorno, após nove anos foi a seguinte: “*Já era quase que natural, como eu te falei, desde antes de ir prá lá. Em princípio eu estava ganhando um dinheiro razoável e mandava todo o dinheiro prá cá... comprei essa casa, um terreno, investi aqui, não investi nada lá, foi no último semestre que eu comprei um apartamento lá. Eu tinha um apartamento em Campinas depois comprei em Manaus, mas eu não queria investir nada lá porque eu já sabia que eu vinha embora, e nessa época comprei uma terra e comecei a plantar café no terreno que primeiro era do papai, era a época que o café estava com preço alto... eu estava ganhando bem e nem sabia disso... é porque eles estavam ganhando muito aqui com o café em 86. Uma saca parece que pagava 5 salários mínimos, então eu ficava em Manaus fazendo conta que se eu produzisse tantas sacas eu ia ganhar mais do que lá e ficava perto da família, então eu resolvi investir nisso... Comprei o terreno, plantei café, mas quando eu vim mesmo prá cá o café já estava caindo, estava abaixando, mais eu já tinha as coisas aqui, tinha a casa, o sítio, então eu pensava “já tenho tudo lá” e vim embora, vim mais ou menos estruturado e com a idéia também de arrumar um emprego aqui, não de trabalhar no sítio, ficar só no sítio, embora tivesse me acomodado um pouco, parece que eu queria dar uma descansada, mexer um pouco lá na roça.*”

A explicação oscila entre a justificativa econômica — como o lucro do café, mas logo depois relativizada com a diminuição desses lucros, que ele já conhecia de antemão — e a justificativa afetiva do contato com a família. Mas já se percebe que a volta à roça é sentida como um repouso, uma volta às “origens”. Na verdade uma volta ao local da família, local do homem segundo a primeira estratégia, que parece influ-

enciar suas decisões. Depois ele comenta a situação de desempregado: “*acho que eu não vou nem arrumar mais emprego, mas eu acho que em termos gerais está bom... Os filhos estão aí bem encaminhados estão em escola boa, a Heloísa tem o emprego bom dela, o sítio meu dá prá fazer alguma coisa, é lógico, não chove dinheiro, mais dá prá tocar, é claro, com a Heloísa trabalhando, se ela parar de trabalhar também aí não tem jeito de colocar os filhos em escola boa por que o sítio não dá prá escola boa, mesmo que o café esteja com o preço bom que está, não dá, porque hoje é bom mas amanhã está ruim, esse ano deu bastante café, mas o ano que vem não dá nada, mas dá prá viver. Eu arranjei uns bicos por aí, trabalhei seis meses numa fábrica lá em Sta. Rita, mas não me adaptei. Foi a época que eu terminei a minha casa lá na roça, queria ficar morando lá, já estava morando lá, então eu trabalhava em Sta. Rita indo e voltando todo dia, era a coisa mais ruim, eu ia de moto, cheguei a cair tombo a 80 p/h no asfalto, era muito frio, e tinha aquele negócio de cumprir horário... eu dava aula lá em Manaus e não tinha que cumprir horário, só o da hora da aula. O dia que não tinha aula eu não precisava ir na aula e ninguém pedia satisfação, eu gostava disso, é até uma pena Manaus estar tão longe daqui, senão eu poderia estar continuando a dar aula lá. Aí aqui tinha que bater cartão 7 horas, às vezes chegava 10 min atrasado e eles descontavam e eu achei aquele ambiente severo demais, pareciam todos meio mercenários, a gente parecia uns animais, tinha que cumprir o estabelecido e não tinha papo, fugiu disso tem que pagar, não gostei daquele tipo de ambiente e larguei mão.”*

O contraste entre a afirmação de não arranjar emprego com o relato que se seguiu é flagrante, pois ele conseguiu se empregar. No entanto, o emprego é minimizado sendo chamando de “bico”. Isso ocorre porque a permanência na roça tem que ser justificada de algum jeito, e o suposto fracasso no mundo profissional é a desculpa. E, por outro lado, a situação com o emprego da esposa está, “em termos gerais, boa”, e ele pode levar a vida que lhe permite cuidar da roça sem ter que se matar de trabalhar como os irmãos “*Mas pegar prá trabalhar na roça assim eu nunca peguei, até hoje eu nunca peguei, só em serviços mais leves, enxada eu nunca trabalhei, então não foi difícil não, é claro que a gente não tem aquela energia, aquele sangue prá*

*trabalhar na roça o dia inteiro, eu não tenho, talvez eu tenha adquirido um pouco agora mas não tenho tanto assim. Nunca tive igual os meus irmãos tem lá, esse negócio de acordar cedinho às 5 hs.. da manhã, nunca, se for prá mim ter leite, vaca de leite prá acordar cedinho, eu não tenho não, prá mim não serve esse tipo de coisa, eu tiro leite lá, mas eu pago o camarada prá tirar, eu tentei aprender e não consegui... O resto a gente faz na base da administração só, atualmente eu vou lá e trabalho, por que não tenho o que fazer também, não vou ficar dormindo, com tudo que tem que mexer eu mexo, que serviço não falta, é só escolher, então a gente escolhe os mais fáceis e os mais necessários..”*

A situação parece ter-se acomodado em termos ideais: sem o emprego desumano e sem o trabalho como o dos irmãos (que é uma constatação da não-vivência da terra e do trabalho). Mas pela próxima citação é que pode se perceber como essa estratégia escolhida por Luisinho afetou a vida dos homens que estudaram: *“Eu já tenho vontade de largar, esses dias atrás eu estava querendo arrumar emprego, fiz vários concursos, mas se eu arrumo um emprego, quem vai cuidar da roça? Até tentei arrendar pros meus sobrinhos lá, o Carlos Henrique e o Dênis mas eles desistiram depois, mas essa é a minha vontade, ter alguém que entenda e que tenha condições, eles tinham trator, eles conseguem arranjar dinheiro prá tocar aquilo lá. Prestei vários concursos, passei em alguns mas não fui chamado e vai ser difícil, não passei em primeiro lugar, né? tinha uma vaga só... Passei na Copasa mas não quis, passei no concurso do banco mas não passei na exame de datilografia.”* A indefinição por um tipo ou outro de vida deixa-o no meio do caminho: nem roça, nem tampouco a cidade, mas ambos.

Nesse processo, Luisinho o ajudou na compra de terras, ou seja, uma *antecipação de herança*. O fato de ele ter vindo para trabalhar na roça lhe concedeu o direito de participar da antecipação da herança. Como diz esse filho, *“ele (Luisinho) me ajudou muito, até financeiramente ele me ajudou, (...) nós que estudamos, ele não só ajudou no estudo, pagando a escola, como também até financeiramente”*. Nesse momento ele se iguala aos seus irmãos da roça, tornando-se um deles, encontrando uma identidade definida. A volta desse

filho significa uma busca de uma identidade, que esse esperava encontrar na roça, numa identificação com os irmãos. No entanto, essa identidade não foi encontrada, pois ele não conseguiu permanecer na roça (faltava a vivência) e, hoje em dia, sem emprego, vive entre “bicos” na cidade de Itajubá e os poucos rendimentos de seu sítio.

A volta desses homens à roça não foi uma fuga da cidade (e ela nem se confirmou de fato), mas uma tentativa de realização com um passado visto na vida de seus irmãos; uma busca por uma identidade que se imaginava na roça, mas que não estava lá. O problema colocado na vida desses homens por essa inversão de prioridades de seu pai não se resolveu e continua confundindo a vida de ambos, como demonstram as palavras grifadas na penúltima citação.

O que acontece é que os padrões de antecipação de herança não possuem o mesmo status: mesmo depois de adotada a estratégia dos estudos, a terra continuou tendo muito mais valor simbólico do que os estudos (mesmo porque a antecipação de terras é material, proporcionando meios de uma vida estável, enquanto a de estudos representa apenas uma potencialidade, que depende de uma série de fatores para se concretizar como estabilidade). A vida na terra e o trabalho continuaram tendo muito mais valor do que a vida urbana, para os homens.

São dois “níveis” de valores para cada estratégia, na verdade, temos aqui uma hierarquia englobante (DUMONT, 1985): terra está em oposição a estudos mas também o engloba, dentro desse imaginário familiar. Isso afetou diferentemente homens e mulheres. As mulheres nunca tiveram uma relação profunda (simbólica e materialmente) com a terra, portanto nada “perderam” com a mudança de estratégias; ao contrário, “elevaram” seu status e o igualaram aos dos homens da cidade, como demonstrei. Esses últimos viveram uma “diminuição” de status (num sentido essencialmente simbólico), se comparados com seus irmãos mais velhos; se terra vale mais que estudo, então eles são “menos homens” que aqueles (se terra está definitivamente ligada a masculinida-

de, eles estão fora desse campo simbólico). Assim, é mais fácil entender porque os homens mais novos resolveram voltar para a terra em certos momentos: uma “busca pelo status perdido” com essa mudança de estratégias. Isso demonstra também como existem “saídas” simbólicas para a resolução de “problemas” simbólicos — problemas apenas para os homens, é verdade. A possibilidade de volta e uma antecipação de herança posterior em terras (limitada, mas real) demonstram como se busca uma acomodação do problema que essa diminuição simbólica do status masculino causou na vida desses dois homens.

É nesse sentido que a mudança de estratégias tornou-se problemática para os homens mais jovens, pois tendo uma vida que deveria se encaminhar para a cidade, absorveram os valores de quem vivia no campo (afinal, como não compartilhar de um imaginário que é familiar?); eles continuam “presos” pela valorização da terra e do trabalho, contrastantes com a vida escolhidas para eles. O maior problema é que longe do campo eles não poderiam ser homens no sentido dos valores que receberam em casa. Já para as filhas de Luisinho que estudaram, a cidade significou uma conquista inalienável de direitos que antes eram impensados; esses direitos garantiam a possibilidade de terem uma vida independente da presença de algum homem e, quando casaram, garantiram uma independência econômica aliada a uma relação diferente com seus parceiros, tendo um papel de destaque (inclusive econômico) nas próprias famílias.

A inserção nesse sistema nacional, que se concretizou com a transferência de parte da família para a cidade, marcou e foi marcada (permitam-me repetir novamente a útil expressão) por uma reorganização do imaginário familiar. Esse processo resultou numa situação, quanto a definição do gênero, onde homens mais velhos podem ser vistos em oposição aos mais novos (terra x estudo) e mulheres mais velhas também (sem terra e sem estudo x sem terra e com estudo), temos assim uma oposição etária. Mas ela é mediada pela oposição homem e mulher (terra x sem terra). vejamos o diagrama:

	H +	M +	H -	M -
TERRA»	sim	não	não(sim)	não
ESTUDO	não	não	Sim	sim

A “terra” vem acompanhada de um » porque é simbolicamente mais importante e definidora do status masculino. Vemos que os homens mais jovens (H-) procuram igualar-se aos mais velhos (H+), obtendo terras (o “sim” em parênteses representa essa busca) revelando que na oposição terra/estudo terra é o termo englobador. Por outro lado, num primeiro momento, mulheres mais jovens (M-) igualam-se aos homens mais jovens, pois ambos não têm terra e têm estudo; mas a busca da igualdade entre H- e H+ e a aquisição de terra pelos primeiros restabelece a distinção inicial entre homens e mulheres. Temos assim que na oposição entre homens e mulheres, homem é o termo englobante, mas menos englobante entre M- e H- do que entre M+ e H+. Essa oposição entre homens e mulheres marcada pelo imaginário “tradicional”, que corresponde à primeira estratégia da família Rennó, continua sendo distintiva entre os membros que viveram a segunda estratégia, porém às custas de uma instabilidade na vida dos homens mais novos. O imaginário familiar que valoriza terra/masculinidade continuou influenciando as decisões desses filhos mais novos, ao lado da influência de uma “vida urbana”. Para as mulheres, a transposição de estratégias resultou num salto estatutário significativo, embora circunscrito numa esfera menos valorada (estudo) que a dos homens (terra).

Não é que a mulher não tenha acesso à terra; com a partilha das terras no processo legal de herança elas a obtiveram. Elas não tem acesso à vida na e da terra, a vida de trabalho na terra; o que impossibilita a eliminação (simbolicamente) de uma diferenciação estatutária entre homem e mulher. Em certa medida é o que também impede os homens mais novos de serem como os homens mais velhos: embora tenham uma vivência da terra, não a têm como seus irmãos mais velhos.

Vale aqui fazer mais uma última análise baseada em dados empíricos. Das filhas que receberam terra com a herança legal, a única que construiu uma casa e passa a “viver” um pouco a terra é Bernadete. Isso traz implicações interessantes: através de uma ascensão econômica relativa na cidade, ela pode estar suprindo uma falta de ligação com a terra a partir da transformação de seu sítio em mais um “lugar Rennó” na terra. Lembremos que se a uxurilocalidade é fundamental, a construção da casa supre essa necessidade. A “vivência” da terra pode estar sendo suprida (é uma suposição que precisa ser testada) pela influência econômica de Bernadete e seu marido. Isso pode ser visualizado a partir da inserção desse casal numa série de relações econômicas com os irmãos da roça (construção de cercas, de um açude, plantações de meia, divisão do pasto, etc.). Bernadete estaria assim adquirindo um “sim” no meu quadro esquemático? O termo englobante “homem” estaria, nessa relação, perdendo essa qualidade? Ainda é cedo para afirmar qualquer coisa, mas já é certo que a ascensão econômica cria uma nova variável na definição do gênero feminino. Se apenas indiquei essas questões é porque a análise ainda se desenvolve e esse texto reproduz o estado atual da pesquisa.

## CONCLUSÃO

Certamente esse processo de re-significação é muito complexo, mas a escolha de um viés, o do gênero, pôde demonstrar o modo como esse organizou-se. Em outras palavras, tratei de analisar e acompanhar a gradual reorganização de um “micro-sistema simbólico” (num contexto de mudança cultural) que é o imaginário Rennó, a partir dessa questão fundamental. Espero assim ter contribuído para a compreensão desse fenômeno em outras situações (parecidas ou não). Chega-se também a conclusão, a partir da análise dessas questões, que a estruturação da fa-

mília enquanto um *woorkteam* favoreceu essa mudança de estratégias, que resultaram em duas formas diferentes de antecipar a herança: concedendo novas terras ou custeando os estudos. Estando organizada para a ascensão econômica da família, pôde-se adotar uma nova forma de organização do seu futuro. Estou dizendo que o universo simbólico dessa família possibilitava esse tipo de mudança, mesmo que isso acarretasse em problemas de definição de papéis. Isso implica em afirmar que, diferentemente das famílias rurais tradicionalmente retratadas, a família Rennó tem a “vida tradicional” (definida nesses trabalhos)<sup>8</sup> como termo englobado em oposição a “ascensão social”, a grande via de acesso para entendimento da família (mesmo a terra, que é o grande valor simbólico, pode ser englobado, como o caso de Bernadete parece indicar). Por isso é importante entendê-la enquanto um *workteam* também numa perspectiva simbólica, o que possibilitaria uma visão mais abrangente dessa mudança de estratégias, inclusive da redefinição dos gêneros.

**ABSTRACT:** This essay focuses two generations of the Rennó family. The main objective is to understand the implications of a family project formulated by the first generation to three interrelated questions that were found during the fieldwork: labor division, heritage and gender. I will demonstrate how the adoption of this familiar project on the one hand legitimates an informal process of heritage anticipation and, on the other, leads to the migration part of the family's second generation. With these questions in mind I will analyze how a process of continuous insertion in the national system and participation in urban life re-organizes the family symbolic universe, taking as an example the complex re-definition of gender. This re-signification process can be seen through the family's history, allowing for a historical approach that begins with the birth of the first son in the 40's and continues until the present time.

---

<sup>8</sup>Segundo Almeida (1986) esse caráter é “... a existência de um modelo prático e cognitivo que formula como ideal uma unidade autárquica, formada por uma família neolocal nuclear, independente, hierarquicamente organizada sob a autoridade paterna, comendo comida apropriada e realizando tarefas adequadas a uma visão da natureza e das pessoas cristalizada num sistema classificatório” (1986, p.78).

**KEYWORDS:** Gender; rural family; migration, heritage anticipation, social change, oral history.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. W. B.: Redescobrimdo a Família Rural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.º 1, vol. 1, 1986.
- AZERÊDO, S. Teorizando sobre gênero e Relações sociais. *Estudos Feministas*, ano 2, 2º sem. 1994.
- BRANDÃO, C. R. Parentes e Parceiros. In: Arantes, A. A. et al. *Colcha de Retalhos*. 2ªed, Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CARSON, A. C. Entrelaçando Conceitos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. *Cadernos Pagu* (4), Campinas, 1995.
- CHARTIER, R. Diferenças Entre os Sexos e Dominação Simbólica. *Cadernos Pagu* (4), Campinas, 1995.
- CORRÊA, M. A Natureza Imaginária do Gênero na História da Antropologia. *Cadernos Pagu* (5), Campinas, 1995.
- \_\_\_\_\_. "Mulher & política: um debate sobre a literatura recente". *BIB*, RJ, nº 18, 2º semestre 1984.
- DOARÉ, H. le. Do Poder Político e poético esquema de um raciocínio. *Estudos feministas*. Ano 2, 2º semestre 1994.
- DOUGLAS, M. *Purity and danger: na analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge & Kegan Paul, 1966
- DUMONT, L. *O Individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de janeiro: Rocco, 1985.
- FELDMAN-BIANCO, B. & Huse, D. Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajetórias de vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de cultura. Mimeo, 1993.

- \_\_\_\_ “Capitalismo e Família”. In: Arantes A. A. et Al. *Colcha de Retalhos*. 2ª ed, Campinas: Editora da Unicamp, 1993a.
- \_\_\_\_ “Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajetórias de Vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de culturas” (em co-autoria com D. Huse). *Ler História*, n.27/28 ISCTE, Lisboa, 1995c, pp. 45-73.
- FORTES, M. Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico. Brasília: UnB, Textos de Aula, Antropologia 6. (s. d.).
- GARCIA Jr, A. R. & Heredia, B. A.. Trabalho Familiar e Campesinato. *América Latina*, jan./jun., 1971.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- HEIBORN, M. L. Gênero e Hierarquia: A costela de Adão revisitada. *Estudos feministas*. vol 1, nº1, 1ºsem 1993.
- KAGEYAMA & Bergamasco: Estrutura da Produção no Campo em 1980. *Perspectivas*, nº 12/13, 1989/90.
- KOFES, Suely: Categorias analítica e empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº1, 1993.
- LEACH, E. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MOURA, M.M. *Os Camponeses*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- Os Herdeiros da Terra: Parentesco e Herança Numa Área Rural*. São Paulo: Hucitec, 1978
- SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- SCOTT, J. W. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.
- STRATHERN, M. *The gender of the gift*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- WOORTMANN, K. A Família Trabalhadora. *Ciências Sociais Hoje*, 1984.
- \_\_\_\_ “A Comida, a Família e a Construção do Gênero Feminino”. *Trabalhos de Ciências Sociais*, Série Antropologia nº 50, Brasília-DF, 1985.